

[música relaxante se inicia]

Oi, amante da arte. Antes do episódio, um recadinho: este programa faz parte da campanha O Podcast é Delas 2021. O objetivo da campanha é aumentar a pluralidade de vozes e incluir mulheres e pessoas não-binárias na podosfera. Conheça outros episódios procurando pela hashtag: opodcastédelas2021 nas suas redes sociais e incentive mais mulheres, trans e cis, a fazerem podcast.

Neste episódio abordaremos de forma mais geral alguns aspectos importantes da vida de Frida através de uma obra. Caso desejem mais informações, ou que eu descreva aqui outras obras, só pedir nos comentários do post deste episódio lá no Instagram: @descriartepod ou pelo Twitter: @descriartepod. Eu adorarei falar mais sobre os aspectos culturais, sociais e filosóficos que atravessaram a vivência desta mulher incrível.

E eu sei, eu sei, esse episódio tá cheio de recadinhos, mas é minha responsabilidade avisar aqui: Frida viveu intensa e dolorosamente e certos conteúdos podem ser sensíveis para algumas audiências. Neste episódio abordaremos o acidente de Frida, o relacionamento com Diego, que tem aspectos bem problemáticos e também mencionaremos brevemente sobre os abortos que Frida sofreu. Caso cheguemos a algum tópico que sinta que é um gatilho para você, pause o episódio. Sua saúde mental deve vir em primeiro lugar.

E agora, sem mais delongas...

[trilha de piano se inicia]

Bem-vindes ao Descriarte, o podcast que lhe propõe uma maneira de sentir as artes de forma não-visual. O foco deste podcast é para pessoas cegas e com baixa visão, mas não vá embora caso seja uma pessoa sem essas características. Permita-se ter um contato diferente com o mundo ao seu redor e ser tocado pela Arte de maneira única. Eu sou Ariel Machado e te guiarei na obra de hoje.

Capítulo um: Raízes que sustentam

[fim da trilha de piano e trilha com predominância de violino e trompete se inicia]

Magdalena Carmen Frieda Kahlo Y Calderon era a terceira filha de Guillermo e Matilde Kahlo, nascida em seis de julho de mil novecentos e sete. Os primeiros dois nomes foram dados a Frida para que ela pudesse ser batizada com um nome cristão. Seu terceiro nome, o que a família realmente usava significa “paz”, em alemão. Embora a pintora tenha abandonado a grafia de "Frieda" com E , que era da moda alemã, no final da década de trinta, por conta da ascensão do nazismo na Alemanha. Seu pai, originalmente Willhem Kahlo e que mudou seu nome para Guilherme quando foi morar no México aos dezenove anos era um fotógrafo, filho de judeus húngaros, e a mãe de Frida, Matilde, era descendente de espanhóis e indígenas e uma devota católica.

[batidas mais rápidas passam a integrar a trilha]

Fisicamente, Frida era uma mulher de estatura mediana, cerca um sessenta, com pele de um marrom claro com tons alaranjados, oriundos de sua ascendência indígena e espanhola e também de pegar sol. Seu rosto possuía um formato hexagonal, com o maxilar forte e o queixo arredondado. Ela possuía longos cabelos negros ondulados que mantinha ora em tranças, ora em coques bem firmes no alto da cabeça. Possuía uma testa ampla, sobrancelhas grossas e fartas em pelos negros que se juntavam no meio, formando uma monocelha, que meio que virou seu traço característico. Tinha olhos negros, próximos um do outro. O canto externo do olho é levemente elevado, o que dava um formato amendoado aos olhos e ela tinha as pálpebras levemente encobertas. Seu nariz tem a ponte fina, tendo as narinas mais saltadas para os lados e a ponta do nariz pra baixo, formando um triângulo para baixo. Sua boca possui lábios cheios e desenhados com a curva mediana do lábio superior bem marcada e seu buço possui pelos. Em todas as fotos, Frida tem um olhar marcante, que encara o espectador, ora com desafio, ora com desejo, ora com gracejo.

Três anos após o nascimento de Frida, eclodiu a Revolução Mexicana, movimento armado que começou com motins em várias partes do país e com a formação de exércitos de guerrilheiros em Chihuahua, sob a liderança de Pascual Orozco e Pancho Villa e em Morelos, sob o comando de Emiliano Zapata. Frida, sendo uma filha da década revolucionária, optou declarar que nasceu em mil novecentos e dez, decidindo que ela e o México moderno haviam nascido no mesmo ano. Guillermo Kahlo foi considerado o "primeiro fotógrafo oficial do patrimônio cultural do México". Apesar de ser bem frio com as demais filhas, era bem próximo de Frida. Ele a ensinou a manejar a máquina fotográfica, revelar, retocar, colorir fotografias. E essas experiências foram bem úteis posteriormente. Já de sua mãe existem muitas controvérsias. Alguns dizem que elas tinham uma relação tensa, porém as cartas que ambas trocaram demonstram uma afetuosidade muito grande. Nestas cartas, que estão disponíveis no Google Art and Culture, no link na descrição.

Frida fala sobre ser uma péssima cozinheira, de como durante sua estadia nos Estados Unidos ela sente saudade do México, de como achava os gringos eram umas toupeiras, de como a gringolândia, que é a forma que se referia aos Estados Unidos, era uma selva de fábricas e é notável de como é carinhosa na sua escrita com sua mãe, dizendo coisas como: [voz fica em segundo plano] “Não consigo dizer o quanto eu gostaria de ser tão sortuda quanto esta carta e viajar para onde você está, beijar e conversar com você para deleite do meu coração, mas espero que em breve possamos fazer isso juntas.” [voz volta a ficar em primeiro plano] e como sua mãe é afetuosa com ela, chamando-a de: [voz enfática e carinhosa fica em segundo plano] “Ninã mía, mi Frieduchita”. [voz volta a ficar em primeiro plano] É bem provável que a tensão na relação era mais por um conflito comum de uma filha obstinada com uma mãe determinada.

Aos seis anos, Frida contraiu poliomielite e passou nove meses confinada no quarto. As primeiras experiências de Frida com o sofrimento são atribuídas às sequelas dessa doença, como a atrofia do pé direito. Ela sofria bastante bullying dos coleguinhas que a chamavam de "Frida perna de pau". E, a partir disso, ela começou a usar calças, depois, longas saias, que eram indumentárias que se tornaram, mais tarde, uma de suas marcas registradas. Era uma forma defensiva de evitar maiores sofrimentos em uma sociedade

capacitista. Seu pai a incentivou a fazer vários esportes para auxiliar no tratamento da perna, então vemos que Frida teve uma criação incomum para meninas da época, né?

Entre 1922 e 1925, Frida frequentou a Escola Nacional Preparatória, almejando cursar medicina para cuidar de seu pai, que tinha epilepsia, e lá foi onde começou a se politizar com mais afinco. Porém, seus sonhos tomaram uma virada inesperada.

[som de máquina de escrever]

Capítulo dois: O acidente do bonde

[efeito sonoro de automóvel freando bruscamente e colidindo]

No dia dezessete de setembro de mil novecentos e vinte e cinco, quando Frida tinha dezoito anos de idade, o precário ônibus de madeira que a levava da escola para casa na Cidade do México foi atingido por um bonde.

[trilha se inicia]

Acidentes desse tipo eram bastante comuns no México. [voz fica em segundo plano] Afinal, todos nós que andamos em transporte público sabemos bem como eles são dirigidos. [voz volta a ficar em primeiro plano] E os acidentes eram tão comuns ao ponto de serem retratados em inúmeros retablos. Só pra critério de informação: retablos ou ex-votos são pinturas devocionais encomendadas por fiéis para agradecer a um santo alguma graça alcançada. Esse tipo de arte popular também foi uma grande influência para Frida, com imagens alegóricas bem descritivas e textos contando a história representada do retablo.

Bem, gente, a descrição a seguir é bem gráfica, então reitero o aviso feito no início do episódio. [efeito sonoro de bip de monitor multiparametro de sinais vitais] Bom, Frida teve seu corpo empalado por uma barra de ferro; sua coluna foi fraturada, a pélvis foi esmagada e ela teve um dos pés quebrados. A partir desse dia e até sua morte, vinte e nove anos depois, ela teve que usar vários coletes ortopédicos de materiais diferentes e conviveu com a dor e a constante ameaça de doenças. “Eu detenho um recorde de operações”, ela dizia. Ela viveu também com seu jamais realizado desejo de ter filhos, pois

a fratura na pélvis resultou numa sucessão de abortos espontâneos e pelos menos três abortos cirúrgicos, que são retratados em alguns quadros. O acidente foi um episódio tão traumático na vida de Frida que ela nunca conseguiu pintar sobre ele, o que temos é alguns rascunhos e rabiscos, mas nenhuma pintura finalizada.

Frida constantemente afirmava que desde de aquela época ela não conseguia viver sem sentir dor. A definição de dor elaborada pela Associação Internacional para o Estudo da Dor, a IASP, diz que a "dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável, expressa pelo indivíduo representando uma lesão real ou potencial". Na tentativa de explicar os motivos para o quadro de dor crônica, alguns autores sugerem que Frida tenha sofrido de fibromialgia pós-traumática, a qual é caracterizada por dor generalizada persistente, fadiga crônica, distúrbios do sono e pela presença de pontos dolorosos em regiões anatômicas bem definidas que chegaram a ser retratados em outros quadros de Frida. Mas como a fibromialgia era desconhecida na época, nunca saberemos com certeza.

O ponto é que todas as biografias concordam que esse evento traumático foi o que fez Frida mergulhar na pintura. Como passava muito tempo deitada, pegou as aquarelas do pai e começou a expressar seus sentimentos, com um espelho no teto para se ver e um cavalete de madeira para apoiar os papéis. Frida costumava pintar auto retratos e, em diversas telas posteriores, ela demonstrava sua dor graficamente através de órgãos expostos, corpos sangrando e cicatrizes. Mas Frida afirmava que este não havia sido o único grande acidente transformador e doloroso de sua vida. O segundo acidente tinha nome e sobrenome.

[som de máquina de escrever]

Capítulo três: O acidente Diego Rivera

[trilha instrumental de violão se inicia]

Em 1922, Diego Rivera havia sido contratado para pintar um mural no Anfiteatro Bolívar, auditório da Preparatória que Frida estudava. Ele tinha trinta e seis anos e já era mundialmente famoso por suas obras. Diego fazia parte do

Muralismo Mexicano, um movimento artístico cuja constituição se deu junto ao processo da Revolução Mexicana. O movimento tem início na década de mil novecentos e vinte, com pinturas em tamanhos monumentais tomando espaços da arquitetura pública, como escolas, edifícios governamentais e culturais. Possuía em si um caráter e um projeto pedagógico, pois na época, grande parte da população mexicana não sabia ler nem escrever. A intenção era falar de política e questões sociais a partir das imagens.

Havia um projeto de nação moderna e democrática, onde teria o combate ao analfabetismo, a valorização do legado das civilizações pré-colombianas, a instituição de um Ministério da Cultura e a exaltação do fervor revolucionário através da arte como instrumento, uma arma para revolução. A ideia de que a arte devia ser acessível, descartando o cavalete e ocupando os lugares públicos, rompendo os círculos restritivos de galerias, museus e coleções particulares. As fontes de inspiração eram as antigas culturas maia e asteca, a arte popular e o folclore mexicano do período colonial, aliados às contribuições das modernas correntes artísticas europeias, sobretudo o expressionismo alemão e as vanguardas russas, onde se equilibrava elementos nacionais como a indústria e trabalho fabril. Um artista que tem um estilo relativamente parecido, que a gente pode relacionar, é o Candido Portinari, que é uma arte social, tem toda uma estética do povo envolvido nisso. Só pra fazer uma relação...

A Frida era envolvida nesse contexto cultural e lembrar disso será importante para a análise do quadro de hoje.

[fim do instrumental de violão e música tranquila se inicia]

Bom, de todo modo, Frida na época que conheceu Rivera estudava na Preparatória e foi namorada de Alejandro Gómez Arias, líder do seu grupo de amigo chamado Cachucas. Como nos diz a biografia de Frida, escrita por Hayden Herrera, ela adorava aprontar travessuras com Rivera: roubava comida da cesta de almoço do pintor e uma vez ensabouou as escadas que desciam ao palco, e escondeu-se atrás de um pilar para observar o tombo. Mas o andar de Rivera era lento e calculado, então não caiu. No dia seguinte, porém, o professor Antonio Caso no dia seguinte não teve muita sorte, [risos] e desabou descendo a mesma escadaria.

Quando Frida, após se recuperar do acidente do bonde, tinha algumas telas pintadas, ela decidiu que tentaria viver de arte. Foi procurar Diego Rivera para perguntar o que ele achava de suas telas, sem medo de dar a cara a tapa. Ali começa um romance digno de novela. [voz fica em segundo plano] novela literalmente mexicana. [voz volta a ficar em primeiro plano] O Diego gostou das telas, gostou dos trabalhos, falou que ela tinha muito potencial e gostou também da Frida.

A identificação artística e os ideais mexicanos e comunistas de Frida e Diego provavelmente foram os ingredientes principais desse intenso e conturbado relacionamento. Eles casaram, ela tinha vinte e dois anos e ele tinha quarenta e dois. E a Frida, durante um tempo, tentou se dedicar ao papel de esposa, ela adorava se arrumar utilizando o estilo de “tehuana”, que era um estilo de vestido cujas mulheres indígenas tehuanas usavam. E a Frida, ela utilizava esse tipo de vestido pela associação da vestimenta como esta sociedade matriarcal e a ideia de mexicanidad.

O vestido tehuana consiste normalmente em um huipil, que é uma parte superior reta, retangular, feita de cetim ou veludo, que é bordado com bordas florais ou geométricas ornamentadas, que emolduram o decote e o peito. Uma enorme saia em A, que é franzida na cintura e enfeitada com renda branca, pregueada e engomada. As saias para as ocasiões mais importantes também são bordadas para combinar com o design do huipil. Flores de tecido e fitas em cores complementares são cortadas e trançadas no cabelo, e grandes quantidades de joias de ouro são usadas para completar o visual.

É importante contextualizar isto: a geração que emerge na Revolução Mexicana tenta se afastar dos modelos europeus e da herança colonial, promovendo o que foi chamado de “mexicanidad”, uma forma de autoestima e valorização do nacional. Há uma política de valorização dos povos indígenas e o símbolo do “mestiço” para ser o ideal racial. Todavia, não houve reconhecimento das singularidades das culturas indígenas, havendo um achatamento e uma aculturação como um modelo único e estereotipado.

A Frida nunca se afirmou indígena, mesmo tendo ascendência por parte de mãe, ela não viveu a experiência de ser uma mulher indígena, especificamente de experiência tehuana. E, para Kahlo, era um ato de solidariedade política dentro da ideia da Mexicanidad, o que no entendimento

que temos hoje, é algo bem próximo de apropriação cultural. Eu procurei se havia algum comentário de uma pessoa indígena dos povos do México falando sobre esta questão, mas não consegui encontrar. Então, se você que está ouvindo tem esse tipo de informação, por favor, me mande, que eu faço um disclaimer.

[fim da música tranquila e trilha com batidas rápida se inicia]

O casamento com Diego Rivera era... Complicado. Há diversas percepções de que Frida colocava Diego quase como um Deus na terra, de como se sentia abandonada e sozinha pela forma ora fria, ora carinhosa com a qual ele a tratava. O fato dele ter inúmeras amantes não ajudava. Frida também teve seus casos amorosos, atraindo homens e mulheres. Rivera, como um bom esquerdomacho, parecia não se importar com os últimos, chegando a declarar a bissexualidade de sua mulher com certo orgulho, mas se opunha ferozmente aos primeiros, bancando o papel de [voz mais aguda] “macho mexicano” e empunhando revolver para ameaçar os amantes de Frida.

Em sua arte, ela não tentava competir com Rivera, mas muitos críticos a consideram uma pintora bem melhor. De fato, o próprio Diego dizia isso. As pessoas naquele contexto utilizavam roupas e adornos de culturas indígenas que existem até hoje, e que são ativamente oprimidas por pessoas latinas brancas e não brancas. Houve para Frida o privilégio de poder fazer o resgate cultural que outras mulheres não puderam. Mesmo assim, Frida foi uma mulher com deficiência, bissexual, que usou todo poder que podia para lutar por seu lugar no mundo, e isso é algo que também devemos considerar.

Além disso, por conta dessa valorização da mexicanidad, a arte pré-colombiana, que tinha sido rejeitada e desprezada, agora era vista como reflexo de algo essencial e... Mexicano. Os mexicanos ricos agora colecionavam ídolos astecas, toltecas e maias. Artefatos populares passaram a ser considerados obras de arte, expressões verdadeiras do “povo”, e não meras curiosidades ou lixo. Ou artesanato... [voz fica em segundo] Como as pessoas adoram achar que artesanato não é arte, não é mesmo? [voz volta a ficar em primeiro plano]

E casal, Frida e Diego, eles auxiliaram muito na preservação dos ídolos pré-colombianos. A Frida conseguiu fazer o governo mexicano financiar um

museu arqueológico para a coleção de Rivera. Ela propunha que o museu fosse propriedade do México, com a condição de que até sua morte Diego pudesse viver e trabalhar junto de seus ídolos em um próprio estúdio no topo da pirâmide, na qual seria o museu. Tal museu, argumentava ela, “seria o orgulho da presente civilização”.

Mesmo afirmando em diversas cartas que sabia que o homem que havia escolhido se casar não era muito fiel, adorava inventar umas histórias contando causos e coisas que não fez, era uma pessoa fria, era muito workaholic, muito focado no próprio trabalho e que, por vezes, ia deixar ela sozinha e se sentindo rejeitada, mesmo sabendo disso tudo... Ela o amava. E isso é refletido em diversas passagens em diários e cartas. Mas uma traição, em particular, gerou um rompimento, tanto da relação entre os dois quanto em seu senso de identidade.

[som de máquina de escrever]

Capítulo quatro: Separação

[música tranquila com predominância de violino com algumas batidas se inicia]

Em mil novecentos e trinta e nove a carreira de Frida decola. Passou três meses fora do México apresentando sua exposição em Nova Iorque e também naquele mesmo ano teve outra exposição em Paris, onde o Louvre comprou um de seus trabalhos. O André Breton, líder dos surrealistas, descreveu a arte de Frida como "um laço ao redor de uma bomba" e, mesmo que ela não se identificasse com o título de surrealista, afinal, segundo ela “pintava não sonhos, mas sim sua própria realidade”, ela aceitou o elogio. Na verdade, a Frida era muito mais uma pintora simbólica em que as coisas “loucas” [risos] que ela pintava eram alegorias pra expressar o significado no quadro. [voz fica em segundo plano] E essa mania dos surrealistas de falarem que... [risos] Surrealista vem com um rolê de “vamos impor nosso significado nessa mulher aí”. [voz volta a ficar em primeiro plano]

Neste ano vivenciávamos um momento importantíssimo para a história mundial, que foi a Segunda Grande Guerra. A Guerra Civil Espanhola, conflito que lutava contra o regime fascista de Franco, teve grande influência no

México, com vários camaradas do Partido Comunista exilados e fugitivos para o país.

Na vida privada de Frida algo também rompia: ela, aquela que aceitara os inúmeros casos de Diego, teve como gota d'água o envolvimento de seu marido com sua irmã, Cristina. Ela cortou o cabelo e abandonou a roupa mexicana que Diego adorava. E então, após o divórcio, ela pintou Duas Fridas.

[fim da trilha tranquila e música animada se inicia]

O quadro As Duas Fridas é uma das raras telas da pintora que possui uma dimensão grande, pois a maioria do que Frida pintava eram telas pequenas. É uma tela a óleo com cento e setenta e três por cento e setenta e três centímetros. Um metro e setenta e três... Que talvez seja a sua altura. No meu caso, o quadro é maior que eu. Me conta nos comentários do post desse episódio se o quadro é maior ou menor que você. E a tela está localizada no Museu de Arte Moderna do México.

No quadro temos um autorretrato duplo, com duas Fridas Kahlo, sentadas no que parece ser um banco de madeira e palha, pintado na cor verde, sem encosto. O fundo e o chão são simples, feitos com pinceladas mais amplas. O fundo do quadro é marcado pelo que chamamos de não-cores, como um céu branco, preto e cinza, passando a ideia de um dia nublado e tempestuoso. A terra, que é a base para o quadro, é da cor marrom. As Fridas estão de mãos dadas.

Ambas estão com cabelos arrumados para cima. A Frida à direita do observador veste trajes típicos mexicanos; a Frida à esquerda, usa um vestido branco europeu, de gola alta, com delicados ornamentos que parecem renda no peito e no pescoço... E umas poucas flores vermelhas bordadas na barra da saia. As mangas do vestido europeu são mais bufantes e finalizam na altura dos cotovelos, enquanto as mangas do vestido da Frida mexicana finalizam próximo ao ombro.

O vestido da Frida mexicana segue a moda tehuana, sendo a camisa azul com o quadrado bordado amarelo, uma saia de tom amarelo ocre, quase verde e um babado branco, que contorna a bainha. Os vestidos dificultam dizer se as Fridas estão de frente para o espectador ou voltadas uma para a outra,

mas os volumes das coxas desenhados na saia, sugerem que a Frida mexicana aparenta estar de pernas abertas, enquanto a europeia está de pernas fechadas. Seus rostos nos interpelam meio de perfil, em três quartos, com seriedade. A Frida europeia parece estar com a pele mais clara, por conta da maquiagem, e esboça um leve sorriso em comparação a Frida mexicana, com pele mais escura e sem sorriso.

Ambas têm seus corações à mostra. São desenhados de forma anatomicamente correta: O coração humano possui um formato arredondado, onde a parte superior é maior que a parte inferior, como se fosse um “cone” invertido. Possui dimensões similares às de uma mão fechada. A parte interna de um coração humano é oca, possui 4 câmaras onde se passa o sangue. A Frida europeia tem a parte do peito do vestido rasgada, expondo o seio à direita do observador. Porém, esse seio está com um buraco, onde vemos um coração aberto na metade, partido. Vemos a estrutura interna do coração.

Já a Frida mexicana está com um coração inteiro. Sua roupa não está rasgada, é como se seu peito nessa parte estivesse transparente e pudéssemos ver o coração intacto e vivo. A Frida mexicana segura um pequeno retrato em uma das mãos, que foi identificado como sendo de Diego Rivera quando criança. Dele sai um cordão ou a veia que, dando-lhe voltas ao braço, entra por dentro do vestido e se conecta a uma grossa artéria que lhe sai do coração, exposto sobre o vestido. Da artéria, sai a linha que a une à outra linha, que passando por trás do pescoço da Frida europeia, chega-lhe ao coração, exposto, partido, machucado.

A veia bifurca-se antes disso em outra veia, que termina nas lâminas de uma tesoura que a Frida europeia tem à mão. A mão, no caso, que está à esquerda do observador. A mão com a tesoura que corta a artéria repousa no colo da Frida europeia, e o sangue jorra formando pequenas manchas nos vincos do vestido. O padrão das manchas de sangue tem o mesmo vermelho das flores pintadas na bainha do vestido branco.

As figuras têm volume, tem uso da luz para dar textura nas roupas, no céu e no chão, mas os corações parecem achatados no peito, como se víssemos através da pele. O ponto de escape é a união das mãos das duas Fridas, sendo o centro do quadro. Tudo é arranjado para levar a visão do observador para o centro... Tesouras, braços, o retrato... E os corpos das

Fridas são ligeiramente inclinados para o centro do quadro. Dualidade neste quadro se faz presente: céu e terra, vida e morte, inteiro e quebrado, branco e colorido.

Neste quadro, ela trata as emoções envolvidas na separação e na crise matrimonial. A parte de si que era respeitada e amada por Diego Rivera é a Frida mexicana. A parte rejeitada europeia de Frida Kahlo corre o perigo de se esvair em sangue até à morte. A veia é um recurso pictórico para expressar união, é um recurso comum de Frida usar fios, linhas, cordões umbilicais e raízes para expressar conexões. Seus corações estão diretamente ligados por uma veia. O sangue de uma corre pelas veias da outra.

A Frida europeia é ferida pelo passado, mas também está ligada por uma artéria a um segundo eu. A Frida mexicana, embora ela se lembre de Diego com um minúsculo retrato em sua mão, seu coração permanece intacto. A veia representa a união de mundos divididos e a dor do divórcio. A união é cortada por tesouras que a Frida europeia tem em suas mãos, corte este que gerou as manchas de sangue no vestido branco.

Frida expõe como não é tão simples quanto parece rejeitar o estrangeiro. Frida não pode eliminar algo nela própria. O companheirismo secreto das duas mulheres mostra que, ao ser negada uma, põe-se em risco a legitimidade da outra. E a gente pode até pensar sobre toda violência do vestido vermelho no branco, sobre como esse corte funciona, sobre como uma parte que está morrendo é muito ligada a outra pela própria questão colonial. E a própria técnica utilizada para a composição do quadro, o óleo sobre tela, não é uma forma regional típica de expressão plástica. As técnicas europeias, por conta do colonialismo, se tornaram meio que patrimônio comum da humanidade. Elas continuam a ser desenvolvidas também pelos povos colonizados

O quadro ele representa essa metáfora das entrelaçadas histórias de Frida Kahlo, do México, do desenvolvimento industrial... É basicamente uma interpretação visual daquilo que Eduardo Galeano chamaria, muitos anos depois, de "As veias abertas da América Latina". Nós que fazemos parte desse povo que foi colonizado, que é filho, neto tanto de pessoas escravizadas, pessoas que sofreram genocídio, pessoas que perpetuaram esse genocídio, todos nós temos sangue indígena nas mãos e nas veias. [voz fica em segundo

plano] Alguns em ambos, alguns só em uma... [voz volta a ficar em primeiro plano]

Então, toda essa relação de poder, de sangue, e de feridas que não fecham, de coisas que foram retiradas e a oportunidade desses povos de serem eles mesmos, foi uma coisa que foi retirada pelos europeus. E, ao mesmo tempo, com esse processo de aculturação e as trocas culturais, geraram o que meio que somos hoje, né? derivados desse processo violento.

E mesmo Frida rejeitando o catolicismo, conseguimos notar a influência das imagens do Sagrado Coração de Jesus ou de Maria em como o coração exposto se coloca no peito. O coração ele também era um símbolo que, na época, se referenciava bastante por conta dos estudos antropológicos sobre os sacrifícios astecas. Novamente, dois corações sendo alegoria para duas culturas. Dois corações sendo símbolos de sacrifício, dor e redenção.

Alguns até teorizam que uma influência para o Duas Fridas foi o quadro que retratava Gabrielle D Estress e sua irmã, de mil quinhentos e noventa e quatro, que ela viu no Louvre. Onde temos duas mulheres brancas olhando para o espectador com o rosto sem expressão. Ambas estão com brincos de joias e sem roupa, com seios à mostra. A mulher de cabelo castanho à esquerda do observador pinça o mamilo da mulher loira à direita do observador. Algumas teorias dizem que esse quadro seria uma inspiração.

Bom, sendo ou não, as Duas Fridas sugerem uma posição entre o passado e o presente, a individualidade e a dependência. Muitas biografias abordam esse quadro quase como se resumindo a dor da separação com Diego Rivera, afinal Frida admitiu, posteriormente, que a pintura era o reflexo de suas emoções acerca de sua separação e de suas crises emocionais.

A artista se pintou como duas personalidades opostas, uma representada pela Frida mexicana, à direita, trazendo em sua mão um amuleto com o retrato de Diego quando pequeno, e uma Frida europeia à esquerda. Na tela, embora apenas a parte rejeitada esvaindo-se de sangue corra risco aparente de morte, os corações expostos, de ambas, ligados por um único vaso sanguíneo, refletem o sofrimento gerado pelo fim do casamento. Sim, o sofrimento pode sim estar sendo um reflexo nisso, porém podemos ter outras abordagens neste quadro. A autora Patrícia Mayayo o vê como um reflexo da identidade mestiça de Frida. O traje e a pose fazendo dessa Frida parecida

com um retrato de casamento, Frida europeia, aquele modelo parisiense e o traje típico das elites mexicanas... Por outro lado, há a Frida tehuana, típica do ideal de mexicanidad da época.

Ao explicar em seu diário a origem de seu autorretrato duplo, a artista Frida Kahlo escreveu: [voz fica em segundo plano] “Eu devia ter seis anos quando senti intensamente a experiência de uma amizade imaginária com uma menininha mais ou menos da minha idade. Na janela de vidro de que à época era o meu quarto, e que dava para a rua Allende, eu bafejava no vidro e com o dedo desenhava uma “porta” [...] [voz volta a ficar em primeiro plano] Aqui Frida na carta desenha a janela do quarto de sua infância... [voz fica em segundo plano] “Trinta e quatro anos se passaram desde que tive a experiência dessa amizade mágica e, toda vez que me lembro dela, ela torna a ganhar vida e fica cada vez maior dentro da minha cabeça. “ [voz volta a ficar em primeiro plano]

A pintura era uma transmutação da dor... Física, psicológica e também social. Havia franqueza, humor, deboche, fantasia. Sua estética era alimentada pela arte popular dos retablos, a arte social e revolucionária dos muralistas e por toda estética e influência de sua criação multicultural, onde, por um filtro de uma mulher que desde a infância viveu experiências únicas de solidão, dor, abandono, desamparo e que só possuía como verdadeira companhia a si mesma. Ao pintar-se, Frida pinta o México de sua época. Ao mesmo tempo que sua tela é um grito sufocado de uma dor única. Mesmo que a pintura falasse de sofrimento, pensando sobre essa dor única, as duas Fridas se apoiam. Frida é sua própria mulher dando-se suporte. É o laço, ou a veia, que bombeia vida em meio ao caos.

O Descriarte tem voz e roteiro de Ariel Machado, com trilha sonora e edição por Liz Oitobit. Caso queira acompanhar as novidades do programa, siga o Descriarte nas redes sociais. Todas as arrobas são: [descriartepod](#). Se você gostou desse episódio, deixe uma avaliação no seu agregador, isto faz com que o Descriarte alcance mais pessoas.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Tradução Denise Bottmann, Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BARTRA, Eli; MRAZ, John. As duas Fridas: história e identidades transculturais. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 13, n. 1, p. 69-79, Apr. 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100005>.

FERNANDES, Fabiano Seixas. O mapa íntimo: três telas de Frida Kahlo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 16, n. 1, p. 35-44, Apr. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100003>.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da America Latina*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

Herrera, Hayden. *Frida: a biografia* / Hayden Herrera; tradução Renato Marques. – São Paulo: Globo, 2011

MAYAYO, Patricia. *Frida Kahlo: contra el mito*. Cátedra, Madrid, 2008.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo et al . Arte e dor em Frida Kahlo. **Rev. dor**, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 139-144, June 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132014000200139&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Jan. 2021. <https://doi.org/10.5935/1806-0013.20140018>.

Links:

<https://www.galeriavalmar.com/en/las-2-fridas/>

<https://www.sbs.com.au/topics/voices/culture/article/2020/07/31/should-frida-kahlo-be-accused-cultural-appropriation>

<https://artsandculture.google.com/exhibit/mamacita-linda-cartas-entre-frida-kahlo-e-a-m%C3%A3e-national-museum-of-women-in-the-arts/IAKiQ2logOEsKg?hl=pt-BR>

https://www.institutotomieohtake.org.br/media/acao_educativa/blog/relato-3-certo-o-certo.pdf

<https://hauteculturefashion.com/tehuana/>